

PERPLEXIDADES JUSTIFICÁVEIS

Instabilidade Econômica Reflete Resultados de Pesquisas e Qualidade de Programas

MARCELO DE PAIVA ABREU

Bem ou mal, antes das turbulências eleitorais, o governo FHC havia obtido razoável sucesso, em meio a condições extremamente difíceis, ao manter a economia brasileira estabilizada - inflação baixa e sem pressões insuportáveis de balanço de pagamentos -, embora com crescimento econômico bastante modesto. Foi este desempenho que assegurou a confiança dos investidores externos e internos desde as atribulações do início de 1999. A atual desestabilização dos mercados no Brasil é, em grande medida, resultante da estratégia inicial comum a todos os candidatos presidenciais que, baseados na percepção de que há demanda popular por "mudança", decidiram se afastar da herança do governo FHC. Massimo D'Alema, ex-primeiro-ministro da Itália e dirigente do Partido da Esquerda Democrática, em visita recente ao Brasil, espantou-se em entrevista e perguntou: "Mas, afinal, no Brasil, só existem programas de esquerda?" De fato, só recentemente José Serra tratou de reaproximar-se do governo e tentar capitalizar os benefícios políticos da estabilização, embora parte do terreno já tivesse sido ocupada pelo multifacético Ciro Gomes. Isto em meio a protestos explícitos dos cardeais do desenvolvimentismo do PSDB na sua cruzada permanente contra o que batizaram de fernando-malanismo.

A explicação de José Serra para a disparada do dólar, de que apenas responderia às declarações de Ciro Gomes, é certamente incompleta. É verdade que, cada vez que Ciro Gomes perora contra a CC-5, o mercado responde. Mas o problema fundamental é que há a percepção entre os investidores de que em qualquer cenário não deve ser eleito um presidente efetivamente afinado com as políticas de estabilização do atual governo. De fato, o dólar disparou em resposta à queda da candidatura situacionista nas pesquisas de opinião. A reversão sustentada deste movimento depende de considerável aprimoramento da plataforma econômica da candidatura Serra e de significativa mudança de percepção dos investidores quanto aos resultados eleitorais.

O sistema eleitoral baseado em dois turnos pode propiciar resultados surpreendentes. O sucesso de FHC no primeiro turno das duas últimas eleições presidenciais não deve levar à subestimação das dificuldades de prever os resultados de primeiro turno e suas implicações estratégicas. A eleição de 2002 é aparentada à de 1990: é muito provável que haja segundo turno e não há favoritismo amplo no segundo turno para qualquer dos três candidatos viáveis. Hoje o quadro é bem mais complexo e, principalmente, volátil.

Pode-se esquecer, com alívio, de Garotinho, até mesmo porque é discutível o comando que possa ter sobre a transferência de seus 10% de preferências em caso de desistência na reta final. O candidato de esquerda chega-se ao centro, tentando amainar a resistência ao radicalismo do PT. Serra, depois de tentar uma estratégia de copiar quem percebia ser seu principal adversário, reverteu à ênfase na continuidade. Ciro parece ter acesso a inesgotável fonte de idéias semi-exóticas e uma denúncia palanqueira do "neoliberalismo", embora tenha sido um exemplar ministro da Fazenda "neoliberal". É bastante competente, a despeito das recentes baboseiras criticando os acordos de Ouro Preto.

Do ponto de vista econômico, a situação do eleitor ainda é de perplexidade quanto à escolha. A despeito da visita ao Alvorada e do almoço com Malan, o candidato governista ainda não explicitou em que medida a sua plataforma econômica combinará compromisso com a estabilização,

especialmente de natureza fiscal, e pirotecnias na área de política industrial para seduzir os lobbies protecionistas. A conversão do PT a um programa econômico bem-comportado, em meio a renovados arrulhos entre os deputados Mercadante e Delfim Netto, padece de problemas de credibilidade. A desconfiança é que os quadros tradicionais do partido repudiam os minuetos dançados recentemente pela liderança. Na hora do "vamos ver" o que prevalecerá, as velhas crenças do partido, ou a "guaribada" feita às pressas, em meio à campanha eleitoral?

Ciro Gomes terá dificuldade em amainar a desconfiança dos investidores enquanto estiver entretido em acirrada concorrência com Lula na produção diária de barbaridades econômicas. É verdade que, por alguma razão misteriosa, os eleitores parecem não acreditar que as idéias do PT tenham efetivamente mudado e também resistem a acreditar que Ciro vá implementar suas idéias mais delirantes. Mas isto não absolve Ciro nem de suas derrapadas freqüentes, nem das distorções de seu programa.

O segundo turno ainda parece incluir Lula. Mas será um candidato cujo programa necessariamente padecerá de baixa credibilidade. Se o mais desejável é, em nome da racionalidade, que enfrente Serra ou Ciro, é algo que depende da qualidade do programa do candidato oficial e de quase inverossímil moderação do discurso cirista. Quanto menos convincente o programa de José Serra, tanto maior será a complacência do eleitor com a volatilidade de Ciro Gomes e os riscos associados às poções do Dr. Unger.

Disto depende, também, a escolha no segundo turno entre Lula e o outro candidato que, inevitavelmente, estará à sua direita.

Marcelo de Paiva Abreu é professor do Departamento de Economia da PUC-Rio